

Economistas esperam choque só em 94

LÉA CRISTINA

Se existe alguma época péssima para adoção de choques, essa época é a atual. Pelo menos, em termos técnicos. Causa: o comportamento da inflação no segundo semestre. Pressionados pela entressafra agrícola (principalmente entre agosto e outubro) e pelo aumento de demanda no Natal, os preços sempre sofrem aceleração adicional no período — aceleração esta que facilmente reduziria a eficácia dos choques. Evidência: nenhum dos cinco planos heterodoxos feitos de 1986 para cá foi implementado num segundo semestre. O que chegou mais perto foi o Plano Bresser, de junho de 1987.

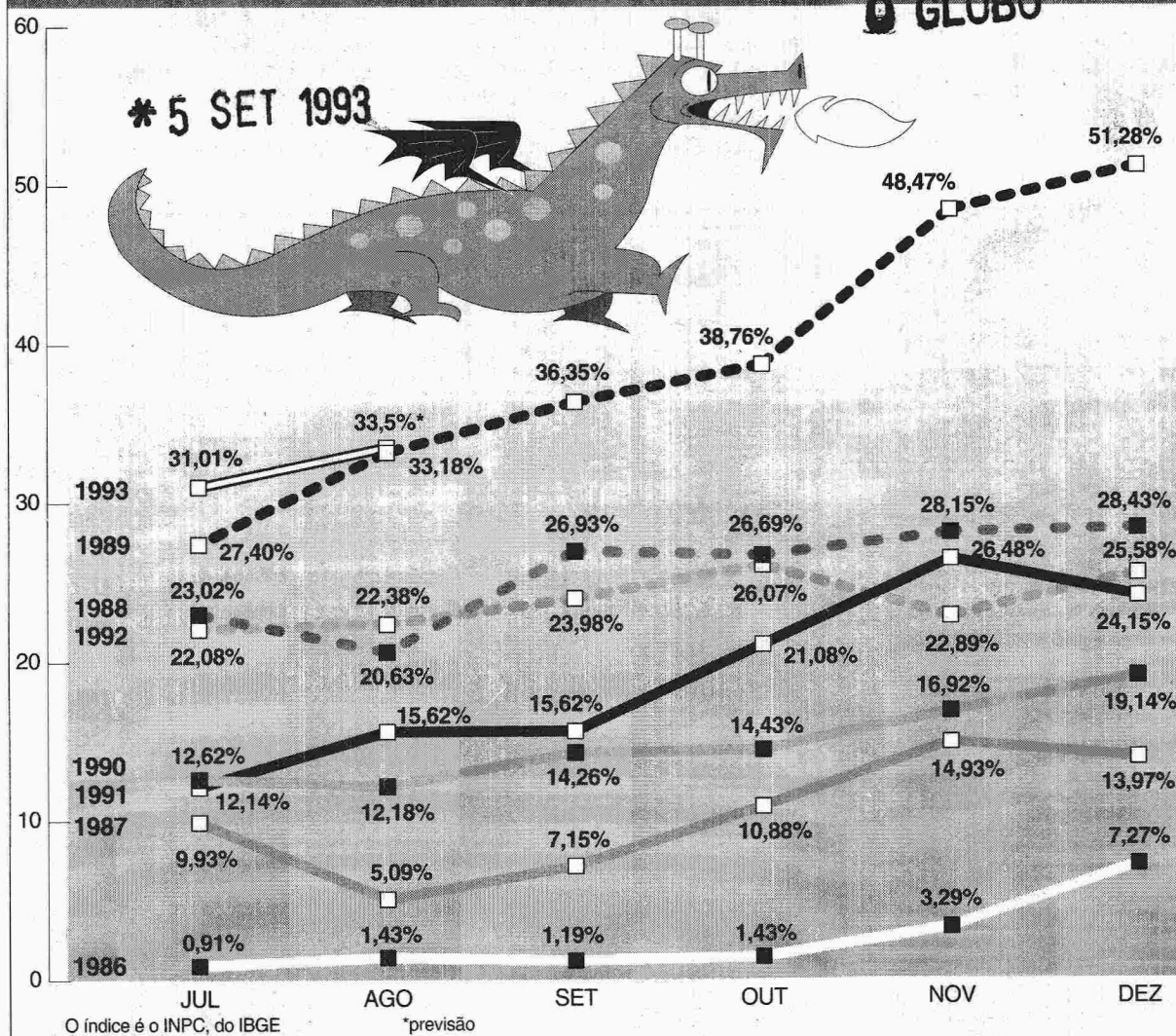
É verdade que não faltam razões para justificar a inquietação dos agentes econômicos quanto à possibilidade de um choque já. O principal deles é a própria aceleração da inflação, que segundo estimativas pode chegar a setembro entre 35% e 36%. Neste caso, mesmo sabendo que teria pouquíssimas chances de adotar alguma medida de caráter duradouro, a equipe se viria obrigada a dar um chega-para-lá na inflação.

Outro é a entrada no Governo de mais um pai do Plano Cruzado, Pêrsio Arida, o novo presidente do BNDES. E a questão política. O mercado pensa que os aliados do Governo estariam exigindo qualquer tipo de bom resultado com vistas às próximas eleições. Mesmo que fossem resultados que em seguida se perdessem. Mas, tecnicamente, não dá.

— Se o Governo tiver algum controle sobre a situação, não fará qualquer coisa neste momento, simplesmente porque este é o pior possível. Além da entressafra, as tarifas estão pressionando os preços — afirma o economista do Ipea, órgão do Ministério do Planejamento, Carlos Vón Doellinger, para quem a melhor época para um choque é no primeiro trimestre do ano, quando inclusive o caixa do Tesouro está com um saldo maior (no início do ano os gastos são menores) o que pelo menos dá uma impressão de maior equilíbrio de contas.

Os economistas Luiz Gonzaga Belluzo, José Márcio Camargo e José Cláudio Ferreira da Silva chegam a

A inflação no segundo semestre



dizer que estão torcendo para que nada seja feito agora. E que apesar de também considerarem que o momento seria muito ruim, entendem que o Governo por questões políticas pode ser levado a tentar mágicas. — O problema é que existe uma questão mais política do que técnica. O PMDB está pressionando por um choque que lhe permita entrar melhor nas eleições de 1994 — acen-tua Márcio Camargo.

— Está claro que é preciso adotar

alguma medida que permita que a moeda readquira seu padrão de referência. Mas o momento não é esse e acho que a equipe está racionalmente tentando esperar a hora certa. Só que tudo depende muito das circunstâncias — diz Belluzo.

O decano da PUC Luiz Roberto Cunha pensa diferente. Não vê chance da aplicação de um choque agora. Lembra que fazer choque sem ajuste das contas públicas é um paliativo e

que, se assim for feito, em pouco tempo, a inflação voltará a crescer. Em tempo bem anterior, aliás, às eleições de 1994.

— Além disso, a equipe estaria colocando em risco sua credibilidade. O máximo que podem fazer é esperar que se crie um fato novo, como uma eventual não realização da reforma constitucional esperada, para então sim dizer que está sendo obrigada a adotar o caminho do qual discordava: fazer choque, sem ajuste.

Editoria de Arte

Economia Brasil
077
Reportagem 0023